

QUANDO O ESTUDANTE DE SOCIOLOGIA VIVENCIA O CHÃO DA SALA DE AULA NA ESCOLA PÚBLICA

Alexandre Pauli ¹
Laiza Ribeiro Scapinelli ²
Camila Pelegrini ³

RESUMO

O presente artigo reflete sobre a construção do estudante de Sociologia em se tornar um professor. A luz dos estudos de François Dubet, relatamos as experiências dos estudantes do Programa de Residência Pedagógica (PRP) do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Ser professor é para além da formação universitária, é criar perfis, metodologias e ferramentas que proporcionam a transposição didática. Através das observações no espaço escolar, na sala de aula, nas relações interpessoais, são perceptíveis os desafios para o processo de ensino aprendizagem, bem como, as estratégias metodológicas do ensino de Sociologia, para fazer sentido aos estudantes do Ensino Médio da rede estadual de Santa Catarina. Inicialmente, abordamos a importância da formação docente e em seguida destacamos situações presentes no cotidiano escolar que corroboram para comparações às reflexões de François Dubet e demais autores que norteiam a trajetória acadêmica até a consolidação do ser professor.

Palavras-chave: Educação Básica, Programa Residência Pedagógica, Ser Professor, Vivências.

INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios postos na realidade brasileira para quem decide cursar uma licenciatura. Em recente pesquisa publicada por uma edição especial intitulada Missão Professor do jornal Folha de São Paulo, se constatou que cerca de um quinto dos estudantes de licenciatura no país não tem intenção de trabalhar como professor. Conforme apontam os resultados do questionário aplicado pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), edição 2021, a justificativa apresentada por especialistas consultados é de que as más condições do trabalho docente e a baixa remuneração fazem com que os estudantes de licenciatura busquem outras áreas para trabalhar. ⁴

¹ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS/Chapecó SC - paulialexandrecom@gmail.com

² Graduanda pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS/Chapecó SC - laizars1605@gmail.com

³ Professora orientadora: Mestre em Educação. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS/Chapecó SC - camilawpelegrini@hotmail.com

⁴ <https://folha.com/x39nbq7z> 19% dos formandos em licenciaturas não querem trabalhar como professores - FSP - Acesso 16 ago. 2023.

Os profissionais ouvidos pelo jornal apontam também para a pouca atratividade dos currículos de licenciatura que podem colaborar para que muitos estudantes desistam da carreira docente. Os cursos no Brasil são considerados muito teóricos e pouco conectados com a realidade de sala de aula. É neste contexto que são justificáveis a criação de programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Residência Pedagógica (PRP). Afinal, à formação do professor em uma licenciatura permeada por lacunas, se faz necessário um reforço neste processo com o objetivo de aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente.

O que está ora relatado neste texto diz respeito sobre este contexto global da formação docente. Encontramos em François Dubet, sociólogo de formação, uma inspiração para nossas vivências de residentes dentro desse processo de mediação e encurtamento de vias entre escola e universidade, na complementação da formação academicista e no cotidiano escolar. Mergulhamos nesta experiência de residir, de estar em permanência na escola para traçar paralelos, dicotomias, angústias, erros e acertos que o universo do ensino traz em sua base.

Como licenciandos em Ciências Sociais, professores em formação, muitas questões são feitas para uma educação mais equânime, uma escola que Dubet chama de justa, afinal refletimos a todo momento nosso papel como sujeito em uma sociedade desigual e desajustada, inclusive no sistema escolar. Qual projeto de sociedade queremos e que podemos construir? Qual o tipo de educação que nós queremos? Qual o perfil profissional queremos e podemos formar? Este texto é uma forma de contextualizar e trazer impressões sobre a nossa residência escolar. A importância de estar na base, no chão da sala de aula nos proporciona experiências e vivências para a formação profissional sem igual. É o tempo de experienciar, de observar, de buscar inspiração e de saber o que fazer. A residência é esta fase de oportunidade na minimização dos anseios e das angústias dos licenciandos.

O presente artigo é estruturado pela metodologia qualitativa de base comparativa crítica sustentado no referencial teórico do sociólogo François Dubet, a partir do texto “Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor”. Por sua vez, não apresentamos resultados, mas reflexões das vivências e experiências do ser professor referente ao módulo I⁵ (um) do PRP do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó - SC. De modo que, esse trabalho está organizado em duas seções, sendo elas: seção

⁵ O PRP contém III (três) módulos no total.

01 refere-se aos desafios do ser professor e o processo de formação docente e a seção 02 refere-se às vivências experienciadas pelos estudantes residentes no espaço da sala de aula e imbricações no contexto escolar.

SEÇÃO 01 – A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO

Tornar professor é um processo contínuo. Sabemos da importância da formação docente universitária nesse processo, mas não é a única e pura receita que resulta no professor qualificado. Vários são os métodos que corroboram nessa trajetória. Por isso, a necessidade evidenciar programas permanentes de auxílio a docentes como os estágios, PRP ou PIBID. Inicialmente propomos algumas reflexões sobre o ser professor e a formação do professor de Sociologia no Ensino Médio.

Em um breve contexto histórico, no Brasil a questão do preparo de professores emerge de forma explícita após a independência, quando se cogita da organização da instrução popular, ou seja, a partir da redemocratização da educação, políticas públicas para educação são realizadas para subsidiar a formação docente. Contudo, as políticas de fomento à formação continuada de professores baseiam-se no investimento e direcionamento de recursos governamentais, que por sua vez, são escassos. A partir desse contexto, as dificuldades do avanço da formação de professores estão interligadas a formação universitária que os “candidatos” a professores são injetados.

Saviani (2009) alerta que convém ter presente que as universidades, na sua configuração contemporânea na formação primária dos professores, caracterizam-se por três elementos interligados, mas com pesos diferentes: o Estado, a sociedade civil e a autonomia da comunidade acadêmica. No primeiro peso, o Estado detentor do poder supremo na condução dos recursos de infraestrutura até os recursos de formação humana, inflaciona gastos nas diversas áreas e reduz o investimento na educação pública. O segundo peso, a sociedade civil, clama por educação e condições básicas de vida digna, vê na educação um triunfo, para a saída da marginalidade e almeja condições de empregabilidade como resultado para a formação humana.

E por fim, a autonomia acadêmica, no qual, proporciona a ênfase nos currículos escolares/acadêmicos da formação de professores como modelos pedagógicos, cognitivos, culturais, sociais e econômicos efetivar a questão da formação de professores no âmbito dos institutos ou faculdades específicas. A partir desses pesos, estão presentes os desafios aos

formadores dos professores em torná-los eficientes, preparados e possivelmente “prontos” a conduzir uma sala de aula, nas suas múltiplas realidades.

Diante dos desafios de ser professor, Norbert Elias, revela algumas implicações. Para ele predomina, a relevância de compreender que os professores escolares proporcionam à luz do conhecimento. De modo, que o ser professor no ensino brasileiro surge das inter-relações produzidas historicamente e são responsáveis por ensinar valores, princípios e conceitos culturais, educacionais, éticos e científicos. Por sua vez, o professor, seja ele de Sociologia ou das diversas áreas do conhecimento, “é um ser eminentemente social e histórico. Ele não vive isolado e é inseparável do meio em que se encontra inserido” (HUNGER; ROSSI; NETO, 2011 p.07). Portanto, tudo aquilo que implica na formação do ser professor está vinculado ao meio que ele vive e dele produz o conhecimento a ser compartilhado no espaço escolar.

Em consonância com as abordagens de Saviani (2009) e Elias (2011), a profissão do professor passa por transformações ao longo da história. Atualmente, predomina a desvalorização social e econômica, além da precarização e desqualificação do trabalho docente, minimizando o processo de ensino aprendizagem na relação professor-aluno, bem como, regimentado por influências externas, submissão a decretos, portarias e possíveis retrocessos educacionais.

Partindo do pressuposto que os indivíduos aprendem viver em sociedade é nela que também desenvolvem capacidades de educar, ensinar, falar, brincar, jogar, competir, pensar e amar, se formam, nas e pelas suas relações com as outras pessoas através das trocas de aprendizagem e conhecimento. É nesse contexto que se constrói a profissão do professor, é no chão da escola que as habilidades são constituídas.

Na formação universitária, os candidatos a professores são oportunizados a fazer ensaios ao ofício do professor, seja ele através de estágios ou programas de incentivos à docência. O trabalho docente é constituído na intensidade, seja de momentos, de sobrecarga, desafios, remuneração ou pela responsabilidade de formar outros indivíduos.

Considerando que a profissão do professor, visivelmente é regada pela troca de conhecimentos, experiências e saberes oriundos de diversas fontes, cada professor cria seu perfil, a partir do que aponta Dubet (1997) o fazer acontecer na sala de aula. Enquanto professor de Sociologia é construir sua característica individual a partir da história de suas relações, de suas dependências e da história de toda a rede humana em que convive.

Entre a realidade do ser professor na concepção universitária e a prática docente há uma dicotomia. Não saímos prontos, não temos receita, muito menos, seremos o melhor professor, mas sabemos que a formação continuada é essencial para aprimorar as didáticas, os perfis, os

modelos, a burocracia e as posturas docente, para além de ser maquiavélicas. Experimentar a sala de aula é uma jornada constante, diária que somente os profissionais que se desafiam, permanecem e buscam aperfeiçoar suas práticas. É a partir dessas mediações que o PRP vivencia as experiências e desafios do ser professor, sendo professor.

SEÇÃO 02 – VIVÊNCIAS NO CHÃO DA SALA DE AULA: O QUE EXPERIENCIAMOS COMO RESIDENTES NA ESCOLA

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) vem suprir uma carência na formação de alunos de licenciatura no espaço da escola, “vivenciar experiências no chão da escola”. Com isso aprimorar o processo de formação inicial de professores com base no planejamento de atividades de ensino que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura. Além disso, promove a imersão do licenciando nas escolas das redes públicas de Educação Básica. A designação “Residência” entendemos como um programa onde os professores em formação fazem sua permanência, com o intuito de fixar suas atividades através da imersão no espaço escolar. Residir na escola oportuniza ampliar a capacidade crítico reflexiva sobre a profissão do docente, com apropriação das metodologias de ensino e de aprendizagem e o funcionamento da dinâmica do sistema escolar. Ao estreitar os laços com o ambiente escolar a residência está construindo a identidade profissional docente dos licenciandos. (Capes, 2023).

Este processo formativo dos licenciandos, como mencionado anteriormente, é tecido de avanços e recuos, experimentações e desafios. Nóvoa (1992, p. 16) é muito enfático quando se refere a necessidade de produzir a profissão docente: “A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas.” Residir no chão da escola é um exercício fidedigno ao desenvolvimento dos futuros professores de sociologia. As vivências nas práticas cotidianas no espaço escolar são as possibilidades de se conhecer o espaço em que se habita/quer habitar.

A grande maioria dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais no Brasil são de data recente, uma vez que somente a partir de 2008 com a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no ensino médio é que se passou a expandir as licenciaturas em Ciências Sociais em universidades. Para Costa (2015, p. 192), uma das problemáticas que está posta na licenciatura é a parte pedagógica que está pouco consolidada. Segundo a pesquisadora, as disciplinas ofertadas durante a trajetória acadêmica do futuro professor são “cerca de cinco, variando um

pouco para mais ou para menos: duas didáticas; uma ou duas psicologias da educação; uma de legislação educacional; além dos estágios supervisionados e/ou práticas de ensino.”

O sociólogo François Dubet ao realizar uma imersão no espaço escolar pode vivenciar as interseccionalidades entre o fazer teórico-acadêmico e o chão da escola. No texto “Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor” o pesquisador francês realiza esta experiência para se concentrar naquele universo que por ele era sempre tema de estudo mas, nunca havia sido permanente em sua vivência acadêmica de modo mais profundo. Ao sermos apresentados pela professora preceptora ao texto do Dubet, podemos constatar várias similaridades que o pesquisador vivenciou e o nosso processo de vivência na escola durante o módulo inicial do PRP em sociologia. Estas similaridades estão presentes na relação pedagógica, que por vezes para Dubet eram demasiadamente exageradas pelos professores.

Esse sentimento parece ser experienciado por Dubet, no texto quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Trazemos aqui impressões e observações que vivenciamos na escola durante nossa residência. Uma das razões que levou Dubet para o chão da escola foi relatos frequentes de colegas professores sobre as dificuldades da profissão, a queda no nível dos alunos, a impossibilidade em se trabalhar na sala de aula; o que o autor considerava um certo exagero. A prática cotidiana mostrou outra faceta desconhecida. Um dos momentos significativos foi acompanhar o conselho de classe no encerramento do ano letivo. Este conselho é o mais acalorado da escola, afinal irá decidir o futuro dos alunos, se reprovados ou aprovados.

O conselho foi conduzido pela diretora da escola que faz uma projeção com o seguinte questionamento, de acordo com determinações e orientações da Secretaria de Educação, “A aprovação ou reprovação do estudante possibilitará avanço em seu processo de aprendizagem?” Trata-se de uma espécie de apreciação coletiva por parte dos pares, conduzida pela diretora que culminará na trajetória futura do estudante. Há muita discussão, que por vezes se torna inflamada, principalmente quando a discussão é sobre a reprovação de um aluno, uma vez que existe divergência sobre o desempenho escolar deste. Cada professor pode ter uma experiência diferente na condução de suas atividades e sua forma de relacionar-se com alunos com potencial de repetência e baixo aproveitamento escolar.

Com os professores reunidos na sala, os diários de classe são projetados na tela com a relação de todos os alunos da turma e com as notas de todas as disciplinas. Em seguida, a diretora vai lendo nome por nome dos alunos, suas notas e inicia-se a discussão com os pares a respeito dos alunos que não atingiram as notas para aprovação. No caso de alunos que não atingiram a média para aprovação, os casos são discutidos um a um. Se a reprovação é por

frequência, é automática pelo sistema, havendo consenso entre os pares e o caso é categorizado como reprovação. Caso o aluno não atingir a média 6 em alguma disciplina, entre uma a três disciplinas, e o valor para chegar a média 6 for baixo, há geralmente consenso e se decide pela aprovação, isso não é regra. Em caso de aprovação, mesmo sem ter atingido a média, o aluno leva a observação no boletim, seu desempenho escolar “aprovado pelo conselho”.

Com estas observações do Conselho de Classe do último semestre letivo, fica evidente o teor meritocrático apontado por Dubet (1997), ainda que os professores procurem sempre levantar o *background* do aluno antes de “bater o martelo” da sua reprovação. Contudo, essa flexibilização dos professores não consegue abranger todos os estudantes e assim mantém e reproduz violência simbólicas que são pedagógicas e não de classe, deste modo os alunos que não se encaixam nos métodos escolares sentem-se humilhados e magoados, deixando de ver sentido na vida escolar (Dubet, p. 226, 1997).

Durante a residência na escola no primeiro módulo sempre tivemos livre acesso a sala dos professores e a espécie de harmonia entre os pares aparentemente prevalece. Neste ambiente todos aparentam ser bons professores, o clima parece razoável, apesar de queixas em relatos a determinadas turmas e alunos com mau comportamento. Dubet (1997) relata que em sua experiência na escola olhava para seus pares e os reconhecia como fortes, bons professores e que lecionavam de maneira exitosa. O que mais lhe chamou a atenção foi o clima de receio para com os alunos na sala dos professores, isso evidentemente demonstrava as incertezas que alguns tinham antes de entrar em sala.

A oportunidade do conselho de classe é uma espécie de tribunal onde diversos são os critérios que são pontuados na sua condução. Há sempre uma espécie de tribuna em casos de discordância e quando não há consenso a decisão vai para a votação dos professores: aprova ou reprova? A opção que tiver mais votos decide a vida escolar do aluno. Os alunos têm seu histórico escolar pessoal levado em consideração na tomada de decisão; se são alunos repetentes em anos anteriores; se os pais já haviam sido acionados para acompanhar o caso dos filhos na escola e qual foi o papel dos pais, se compareceram a escola ou não. Há casos de pais que veem a escola, são solícitos, mas não conseguem minimizar os problemas de aprendizagem dos filhos e seu rendimento e desempenho escolar. Outro fator pertinente é a frequência do aluno nas aulas e sua participação ou não das aulas bem como o empenho em desenvolver as atividades propostas.

Dubet (1997, p. 226), relatava a sua experiência com o conselho de classe “os conselhos de classe são cansativos porque na verdade, a gente decide o destino dos alunos em alguns minutos.” De fato, assim o é na realidade escolar vivenciada. Há no conselho de classe a tomada

de decisão do futuro escolar dos alunos em poucos minutos, o veredicto emitido pelos pares em decisão conjunta. Há ainda para o autor uma falsa concepção, uma espécie de ficção a respeito dos alunos. Pela inserção em uma democracia somos levados a crer que todos os alunos têm o mesmo valor e que eles são iguais. Se lança sobre os alunos a responsabilidade de que se eles não obtiveram uma nota satisfatória é por que não apresentaram uma aplicação, não trabalharam o bastante. Dubet complementa: “nunca se lhes dá realmente os meios de compreender o que lhes acontece. Só se diz para eles: se você trabalhar mais, terá melhores resultados. Mas eles sabem que isto nem sempre é verdadeiro”. Para Dubet, este é o preço de um sistema que se apregoa democrático, um sistema em que todo mundo é igual e meritocrático.

O que está posto com estas afirmações de Dubet em sua experimentação ao pisar no chão de uma sala de aula é que há um tipo de ficção no julgamento escolar que retira dos alunos a autonomia de desenrolar as suas próprias explicações ou que relatem suas próprias dificuldades. Desta forma, muitos alunos são completamente infelizes no espaço da escola, é uma experiência de fracasso perante o sistema, e os alunos não veem sentido na sua vida escolar. Isso pode levar a uma evasão escolar e está imbricado em um processo muito mais amplo, uma vez que na educação pública brasileira com um número elevado de alunos na sala, pode passar despercebido pelo professor que precisa dar conta do planejamento de aulas, assumir diversas turmas para garantir sucesso salarial e ainda operar o sistema burocrático de controle da supervisão escolar.

No texto de Dubet (1997) é evidenciado algumas questões que são perceptíveis na vivência escolar como professor e em como a educação é um trabalho sobre o outro, em que se o estudante não está disposto ou resiste a fazer seu papel o processo de ensino-aprendizagem não atinge o seu objetivo e por isso é necessário constantemente seduzir⁶, dar atividades, discursar e dar ordens para que os alunos realizem a sua parte no processo. Na sala de aula o professor tem de lutar pela atenção dos estudantes, pois muitas vezes eles estão presos em suas próprias questões subjetivas e quando não estão sonhando acordados estão conversando e fazendo bagunça, para conseguir lecionar e controlar a turma Dubet (1997), em sua experiência como professor realizou um “golpe de estado” em que

Disse aos alunos: de hoje em diante não quero mais ouvir ninguém falar, não quero mais ouvir ninguém rir, não quero mais agitação [...] Eu disse: vocês vão colocar as suas cadernetas de correspondência, a caderneta em que se colocam as punições, no canto da mesa, e o primeiro que falar, eu escrevo a seus pais, e ele terá duas horas de castigo. E durante uma semana foi o terror, eu puni. De fato, facilitou a minha vida e tenho a impressão de que esta “crise” deu aos alunos um sentimento de segurança, já

⁶Seduzir no sentido de cativar os estudantes com o carisma pessoal e intelectual

que eles sabiam que havia regras, eles sabiam que nem tudo era permitido. Depois, as relações se tornaram bastante boas com os alunos e bastante afetuosas. (DUBET, p. 224, 1997)

Por mais que este “golpe de estado” funcione para manter a turma controlada, Dubet (1997) afirmou que é um fracasso pedagógico e moral, pois demonstra uma relação aluno-professor pouco desenvolvida ou inexistente, porém em turmas agitadas ou com alunos que muitas vezes são desrespeitosos, esse “método” se faz necessário.

Uma das turmas do 1º ano do ensino médio observada pelos residentes, possui o seguinte perfil: a maioria dos alunos possuem entre 14 e/ou 15 anos de idade, no início do ano a turma possuía um dos melhores temperamentos entre as outras turmas do 1º ano, eram participativos e acolhedores com os professores e residentes. Com o passar do trimestre esta turma mudou de temperamento, perdendo a “qualidade” e se tornando mais difícil de trabalhar, as conversas paralelas começaram a ser mais frequentes, objeção de permanecerem nos lugares e de seguir o quadro de lugar definido pelo professor regente de turma, dificuldade em cumprir prazos das atividades avaliativas ou de exercício e por fim a maioria da turma prefere estudar para a recuperação do que para a prova avaliativa, em um caso específico um aluno preferiu fazer diretamente a recuperação para ficar dormindo enquanto os colegas faziam a avaliação, e ainda assim as notas não são recuperadas.

Por fim, a turma às vezes é bem participativa e por outras vezes apática, ignorando a presença do professor, os estudantes quase não utilizam o caderno para realizar anotações e quando utilizam é por ordem do docente para copiar o texto dos slides/quadro/livro didático, ademais raramente anotam a explicação oral do professor.

No módulo I os residentes em conjunto com a professora preceptora desenvolveram uma atividade sobre os Clássicos da Sociologia, Auguste Comte; Émile Durkheim; Karl Marx e Max Weber, em que os alunos foram divididos em grupos e foram instruídos a organizar uma apresentação teórica e uma atividade prática, sendo designadas quatro aulas para a pesquisa teórica dos principais conceitos de cada autor explicados pela professora e para organizarem os slides e as atividades práticas. Foi observado que a maioria dos grupos ficavam “enrolando” e não realizavam a pesquisa dos conceitos, também debatiam assuntos paralelos aos da atividade, houve um caso específico em que a professora e o grupo responsável pela apresentação de Durkheim tiveram um desentendimento, pois no momento da explicação dois integrantes conversavam e não prestavam atenção, foi chamada a atenção deles, porém não surgiu efeito e foi deixado que eles compreendessem os conceitos “por conta”.

Nas aulas de apresentação foi perceptível a dificuldade dos estudantes de apresentarem os conceitos e não ficarem lendo os slides, alguns utilizavam o celular como apoio mesmo com a proibição do uso do aparelho pela professora, também foi notável a dificuldade dos grupos realizarem conexões do que haviam pesquisado com as explanação da professora. A parte prática da atividade evidenciou a falta de protagonismo e de liderança da turma, muitas vezes foi necessário intervenção da docente solicitando cooperação dos alunos que não apresentavam e cobrando agilidade e atitude dos grupos que apresentavam.

Esta atividade proporcionou realizar aproximações com a entrevista de Dubet (1997), pois ficou evidente que muitas vezes os alunos se recusam a fazer o seu papel ao utilizarem o tempo em sala de aula, destinado para o estudo e atividade, para conversar, dormir ou ficar no celular. Assim, como as relações aluno-professor são frágeis, muitas vezes não por falta de tentativa do professor, se torna necessário reconstruir a relação toda aula e praticar a sedução ou aplicar o “golpe de estado” quando necessário uma atitude mais rígida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trouxemos aqui, de forma concisa, uma comparação por semelhanças que foram traçadas pela experiência do sociólogo François Dubet. Estas constatações feitas no Módulo I do PRP reforçam a importância da aproximação das práticas pedagógicas entre a universidade e a escola e valorização do programa como um suporte na construção da docência. Estas foram constatações iniciais que ainda serão enriquecidas na trajetória do programa a ser percorrida.

A formação do profissional professor passa por significativas transformações. O professor tem uma constante missão de se desafiar para se metamorfosear frente a tantas inovações, em especial as tecnológicas, e ter uma eficácia no processo pedagógico. O protagonismo em sala de aula se deve ao êxito em enfrentar os desafios contemporâneos e cotidianos. Esse processo evolutivo e constante pela qual a docência passa é fundamental para o trato com as práticas pedagógicas que são novas a todo momento. Além do domínio teórico-científico, o profissional da educação precisa dar conta da didática e a ainda, sobretudo, da competência humana.

Na competência humana precisa encontrar constantemente sentido e significado para a experiência na escola. Diz respeito à capacidade de se adaptar a cada aluno, uma vez que cada estudante tem diferentes ritmos, estilos de aprendizagem e necessidades. Perpassa pela figura do professor que engaja e motiva a turma para a ação. Estimular o interesse dos alunos é fundamental para um aprendizado significativo e que faça sentido para o aluno.

Cada sala de aula é uma combinação aleatória de sujeitos em formação com repertórios multifacetados e de origem social e familiar muito diversa. Há consensos e códigos próprios entre os alunos e para que o professor consiga lecionar de maneira produtiva muitas destas estratégias dos estudantes precisam ser confrontadas, o que nos relata Dubet, com seu golpe de estado. As proximidades entre o texto de Dubet comprovam o que o aprendizado no chão da sala de aula para nós residentes tem a agregar na formação.

Ser professor é uma constante missão vinculada ao processo de formação continuada, das inovações, das tecnologias e das relações sociais que adentram ao espaço da sala de aula. Ao finalizar esse trabalho, percebemos que é só o começo de uma trajetória, que muitos desafios e aprendizagem irão agregar nos próximos módulos do PRP aprimorando nossas metodologias e talvez, identificar que não estaremos “prontos” mas em constante formação humana, docente e socialmente.

REFERÊNCIAS

COSTA, Leomir Souza. **Formação de professores de ciências sociais/sociologia: subsídios para o debate**. Em Tese, Florianópolis. v. 12, n. 2, ago.

FOLHA DE SÃO PAULO: **19% dos formandos em licenciaturas não querem trabalhar como professores**. São Paulo, 24 maio/2023. Disponível em: <https://folha.com/x39nbq7z>. Acesso em: 18 ago. 2023.

GOV. **Programa de Residência Pedagógica** [2023]. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 18 ago. 2023.

HUNGER, Dagmar; ROSSI, Fernanda; NETO, Samuel de Souza. **A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 697-710, dez. 2011.

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Do trabalho à formação de professores. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 42, n. 146, p. 428-451, ago. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742012000200007>.

NÓVOA, António, coord. - **"Os professores e a sua formação"**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33

PERALVA, Angelina Teixeira; SPOSITO, Marília Pontes. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor**: entrevista com François Dubet. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 5, p. 222-231, mai. 1997.

SAVIANI. Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. SP; Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.